

Citation: Anónimo (Bento Morganti) (Ed.): "Num.º 6", in: *O Anonymo. Repartido pelas semanas, para divertimento e utilidade do publico*, Vol.3\006 (1754), pp. 45-52, edited in: Ertler, Klaus-Dieter / Fernández, Hans (Ed.): *The "Spectators" in the international context*. Digital Edition, Graz 2011-2019, hdl.handle.net/11471/513.20.4521

N.º. 6

Da Sobriedade, e Temperança.

COmo na folha antecedente, parece que de alguma sorte defendi as demazias, e excessos que se praticam no tempo presente, me pareceo justo mostrar aos meus leitores, que nem por isto perco de vista sobriedade, e temperança; e que assim como emalguma (sic) occasião se podem patrocinar certas irregularidades, em nenhum tempo se deve deixar de recomendar serem os homens sobrios, e temperados, para cumprirem as obrigaçoes da natureza, e as da sociedade civil. Se o tempo pelo abuzo, e corrupção faz nacer algumas dezordens, todo o tempo he proprio para se aconselhar a emmenda. Passe por graça o passado, porque agora pertendo falar de veras, mostrando a razão porque devemos evitar todos os excessos, e praticar a sobriedade, e temperança, applicando nos ao exercicio, e pratica desta virtude, em que consiste huma boa parte das felicidades da vida.

Naõ ha coiza mais propria para inspirar esta virtude, como he a vista das indecentes dezordens que produz a intemperança. Para mover os animos dos mancebos Lacedemonios, para a pratica da sobriedade, e temperança, se lhe offerciam aos olhos alguns Escravos, que muito de prepozito, e expressamente mandavam embebedar, para com este spectaculo lhe representarem, como em hum quadro, muito ao vivo, e fielmente o injurioso desprezo de que he sempre acompanhada a demazia de beber, e isto cauzava ordinariamente huma impressam muito forte nos espiritos daquelles mancebos, produzindo nelles hum horror a vicio, e huma reformação neste costume. Mas a desgraça he que no seculo presente ha muito pouca necessidade desta industrioza maxima, porque nam he preciso mandar embebedar nem os escravos, nem os domesticos para se darem aos filhos estas boas liçoens da temperança, porque muitas pessoas do nosso conhecimento de todos os estados, tomam de muito boa vontade sobre sy este ministerio dos escravos de Esparta, e com tanta efficacia, que muitas vezes aquelles mesmos, que de menham occupaõ algum lugar distinto, e que talvez clamem contra a intemperança depois de tarde nos offerecem huma clara prova dos excessos que della nadem; e se para ensinar a temperança nam he preciso do que não se practicar, ha presentemente hum grande numero de mestres que ensinam huma tão boa virtude. Mas depois de se observarem os effeitos irregulares que cauzam no espirito dos homens as demazias das mezas, não he necessario mais, para quem emprega a reflexaõ, para detestar a intemperança, e ao mesmo tempo desprezar os intemperantes. Nam me quero valer de retratos, nem empregar os diversos nomes de que muitos uzaõ, porque de algumas circumstancia ainda que genericas, se nam adiante a malicia em dizer que falo com alguma contracção, excedendo a indiferença generica de que empre uzo.

Se os excessos, e demazias sam muito contra as leys da Policia, e da practica da boa civilidade, ainda são muito mais contra as leys da natureza, e da razão; porque a obrigaçãõ de ser sobrios he fundada sobre a que nos impoem, e determina a ley natural de conservarmos a vida. O danno que a intemperança poda cauzar á saude, nam deve fazer com que se conceba a ley que determina a sobriedade, como huma simples ley de regimen indifferente para os costumes. Nenhuma couza que ordena a ley natural pode ser nella indifferente, e por isso me quero persuadir, em que esta ley faz hum preceito expresso, para vermos melhor em que consiste o erro commum dos omens. A natureza tem determinado a quantidade de alimentos que devemos tomar segundo os graos de calor, e a capacidade do nosso estomago, e tambem a sua qualidade, não sómente pelo gosto, ou dezagrado que excitam no paladar, mas tambem pelos bons, ou máos effeitos que podem produzir a respeito da nossa saude.

A saude he a constituicãõ do corpo, em que o ventre da vita que a anima obra com huma grande enirgia; e assim alterar a saude, he o mesmo que diminuir a vida. Hum homem vive menos quando vive mal, e morre desde que a sua saude se acha totalmente destruida, e arruinada. A mesma ley que nos prohibe abreviar a nossa

vida, nos prohi­be tam­bem dam­ni­fi­car volun­ta­ri­a­men­te a nos­sa saú­de- Chame-se a este res­peito, se qui­ze­rem, ley de regimem, por­que im­porta pou­co que se lhe dê este nome, com tanto que se con­corde em que este regimem he muito con­forme com esta Ley indis­pen­sa­vel.

Deste prin­cíp­io se segue que de qual­quer sorte que se arruine a saú­de, quando volun­ta­ri­a­men­te se obra, he sempre que­brantar, e in­fringir a ley natural, que manda, e pre­scribe a sua con­ser­va­ção. A sobriedade, assim como outra qual­quer vir­tu­de, he hum meyo entre dous extremos oppostos. De­struir o tem­peramento com abstinencias indis­cretas não he hum ex­cesso menos re­pre­hen­si­vel, do que abreviar os dias com a superfluidade, de demazia de alimen­tos; pois nam he menor homicida de sy mesmo o que toma huma pe­çonha branda, que lentamente produz o seu effeito, do que aquelle que rezoluto se mata com hum punhal; mas se sem di­ficuldade, e hesitação se con­dena hum, para que hade des­culpar, e com­pa­decer o outro?

Se al­guem duvidar que he contra a lei da natureza, procurar cada hum, por qual­quer prin­cíp­io que seja, abreviar a sua vida, nam será pre­cizo muito trabalho para se provar. Esta ley nam manda que tratemos os outros melhor do que a nós mesmos: e con­cordando geralmente em que ella prohi­be tirar a vida aos nossos semel­hantes, ao menos or authoridade privada, com muito mayor razam prohi­be tirarmola a nos mesmos. Agora, he que reparo que insensivelmente me fui afastando de huns excessos para outros, por­que a idèa me advirtio por hum occulto movimento, a reconhecer que nam sómente os excessos da meza sam os que conduzem os homens a hum estado des­ploravel, mas ainda ha outros igualmente re­pre­hen­si­veis, e que se devem evitar, como contrarios à practica da vir­tu­de da tem­perança e sobriedade, a qual tem huma exten­ção muito mais ampla, nobre, e generosa.

Deixemos de parte o como cada hum que se entrega ás demazias, e excessos da gula, obra contra a lei da natureza, diminuindo a sua vida com arruinar a sua saú­de, e passemos aos que se entregão ao ex­cesso de se matar por outro qual­quer prin­cíp­io. A este res­peito me parece que estou ouvindo dizer, que quando a vida nos he mais trabalhoza, e im­portuna, do que go­stosa, e feliz, dictando o mesmo instinto natural, que devemos fazer tudo quanto poder­mos para conseguir alguma felicidade, por­que razão não poderemos conseguir esta, cortando, e diminuindo o curso de huma penosa vida, quando no parecer do Poeta Lacano, a morte he o ultimo trabalho della, e que por isso a devem receber intrepidamente os homens?

*Mors ultima pena est
Nec metuenda viris.*

A isto respondo, que este ex­cesso ainda he muito mais re­pre­hen­si­vel do que outro qual­quer; por­que pertencendo a Deos, de quem recebemos todo o nosso ser, a nos­sa vida, nam devemos dispor della sem seu consentimento. Acrecentemos mais a isto, o pou­co conhecimento que temos das nos­sas verdadeiras conveniencias, principalmente quando nos cega alguma paixão violenta, para poder­mos julgar com segurança, ainda das circun­stancias mais funestas, e penozas, que a vida nos he mais pezada do que conveniente: mas o certo he que ainda nestas mesmas trabalhozas circun­stancias, sempre nos he util a vida, quando não seja para o presente, ao menos para o futuro; por­que he sem duvida que nam vivemos senão por­que Deos quer que vivamos; e como Deos nam quer nada a nos­so res­peito, se não o que nos pode fazer felices, sendo este o unico objecto que teve quando nos creou, será desprezar, e ainda regeitar a felicidade que nos espera se fizermos das nos­sas proprias mãos instrumentos para perder­mos a nos­sa vida. E ainda supondo que esta nos serve de grande pezo, nem por isso teremos rezam para a regeitar, ou roubara nós mesmos, da mesma sorte que nos nam he licito, nem permitido tirala a outro qual­quer que prejudique os nos­sos interesses, por­que tanto direito temos a nos­sa vida, como á dos outros.

Fundados em huma maxima sempre falça, quando não he modificada de que huma acção he grande, e generosa, à proporção que custa mayor trabalho, e esforço, alguns homens famosos refere a historia, que matando-se a sy mesmos, imaginaram poder merecer os Elogios da Posteridade, e com effeito acharam alguns Panegyristas nos faculos seguintes. Mas por enterrar hum punhar no peito de hum Pae, custaria sem duvida ao cruel parricida hum grande trabalho, e combates violentos, primeiro que chegasse a pôr silencio na voz da natureza. E por ventura todos estes combates, e todos estes esforços violentos, poderiam fazer de hum crime tam horroroso huma acção meritoria? Certamente não; por­que lutar contra os proprios sentimentos nam he vir­tu­de, se nam quando são viciozos estes mesmos sentimentos. Receber intrepidamente a morte he valor; dala cada huma sy mesmo he fraqueza. Ninguem a toma por suas proprias mãos se não para fugir de hum trabalho que se considera

insuportavel, e por se achar já cansado de sofrer: a violencia do remedio a que se resolve hum homem que sofre, quando se não trata de conservar a vida, prova melhor o excesso da sua impaciencia, do que a grandeza do seu valor.

Satisfeitos com estas prudentes maximas fundadas sobre a recta razam, e sobre a humanidade, nunca os trabalhos maes honrozos, poderam fazer com que os homens se resolvam a tirar com suas proprias mãos a sua vida. Inutilmente fes o Persiano Usbeck a seu amigo Ibbeno a apologia da morte que tomou por sua vontade; porque os seus sofismas se nam podem conceber se nam como frivolos paliativos do furor maes cego. E persuadidos de que tirar cada hum a sy proprio a vida, nam deixa de ser hum crime, he sem duvida que o conserva he huma virtude. Para a practica desta virtude, nam ha couza que contribua maes como he a sobriedade.

Ha dous generos da sobriedade; huma que consiste no uzo moderado dos alimentos, a na recta maxima de conservar a vida, e isto he o de que até agora se tratou: a outra consiste no dezinterece, e bom uzo das riquezas. Esta pertence à alma, assim como a outra pertence ao corpo; de huma depende a saude, e a vida, da outra a virtude.

Das differentes classes que ha de ricos, os maes racionaes sam aquelles que de Pays em filhos viveram sempre na opulencia, e que apenas sabem se hà pessoa a quem falta o necessario. Na verdade estes sam ordinariamente insensiveis à miseria alhea; e a não ser isto, nam teriamos de que os arguir, porque ser rico não he crime. Aquelles a quem as riquezas corrompem, e pervertem maes, são estes Cressos de baixa extracçam, e de huma riqueza muito fresca, que parece trazem escripto na testa a importancia de seus cabedaes, augmentando-se à medida que se enche o seu thezouro, a fereza do seu semblante, a sua arrogancia, a sua soberba, e sua elevaçãõ. O q# deve consolar hum homẽ honesto, que se acha exposto aus seus insultos he a concideraçãõ de que estas fortunas enormes, acumuladas em pouco tempo, tam rapidamente se adquirem, como se perdem.

Para acumular riquezas immensas, e dissipalas, ordinariamente nam he precizo maes do que duas geraçoens. O pay ajunta, e o filho gasta; hum enriquece, e outro se arruina: este he o curso ordinario das coizas, e isto he o que facilita o comercio da vida, sem o que os cabedaes de huma familia nam poderiam circular. A este respeito se podem referir muitos exemplos, e bem modernos, de que me nam quero valer; porque ja disse que nem por sombras quero exemplificar o que digo, para impedir a malicia dos leitores, idear alguma contracçam, em que verdadeiramente nam podia eu ser culpado, mas sim as suas sinistras, e malignas applicaçoens.

Ordinariamente se entende ser hum prudente economico aquelle que se sabe conservar immediatamente, sem chegar à classe dos prodigos; e que nam cuida em fazer escrupulo de algumas despezas, com tanto que nellas nam gaste maes do que o que tem de renda sem bulir no capital: consolar os infelices parece que nam he obrigaçãõ, mas ninguem ignora que isto pode servir de grande gosto. Nam sei porque fatilidade sucede, que os que sam maes favorecidos dos bens da fortuna, se acham menos dispostos a consolar, e socorrer os que se acham despídos delles. Os pobres sam melhor soccorridos pelas pessoas quasi tam pobres como elles, do que pelos ricos, e oppulentos. Parece que não ha compaxãõ senãõ para os males que se experimentam em parte: porque hum homem opprimido com os trabalhos, e afliçoens lança sobre sy mesmo, toda a sua sensibilidade e o excesso da desgraça fas os homens tam incapazes de commiseraçãõ, como o excesso da opulencia. Quero me tambem lembrar de outra couza que nam he menos reparavel, a qual, he que entre as pessoas insensiveis a miserias alheas, nam deixaõ de ter o primeiro lugar aquellas que por seu estado são destinadas para nos intimarem a caridade; mas póde ser que estes se imaginem dispensados da obrigaçãõ as assistir, e occorrer às miserias do proximo, ficando compensada com o cuidado que tem, ou devem ter de nos exhortar para a practica desta virtude; ou porque entendem que fazem bastante a respeito do seu proximo, intercedendo por nós. Convenho em que isto he huma grande caridade, mas nem por isso, podendo, deixaõ de ter a mesma obrigaçãõ de acudir, e socorrer o seu proximo necessitado, e de serem sensiveis às miserias alheas.

Ordinariamente se chama no mundo *fazer se hum homem honrra com o seu cabedal*; quando tem huma meza esplendida, assistindo em humas cazas grandes adornadas com moveis, e alfayas excellentes, quando occupa muitos criados, e tem varias carruagens, e tudo o maes que pertence a huma boa equipage, e finalmente viver entre o luxo quanto a mim, nam convenho neste termo tam especiozo, debaxo de circunstancias tam abuzivas; e aquelle a quem com justiça se pode aplicar, aquelle vlugar elogio, he a hum homem sabio, e prudente, e sobre tudo àquelle que despende parte dos seus cabedaes, sem detrimento da sua fortuna, em fazer bem aos outros, e servir com elles de alivio aos miseraveis, que dependem do seu favor: porque se homem sabio, e prudente

pode descobrir, e achar alguma utilidade, e ventagem nas riquezas, he em quanto ellas lhe procuram a agradavel satisfaçãõ, de fazer os outros felices.